

NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E MODELAGENS ALGORÍTMICAS DA VIDA

NOTES ABOUT THE PRODUCTION OF SUBJECTIVITY
AND ALGORITHMIC MODELING OF A LIFE

APUNTES SOBRE LA PRODUCCIÓN DE SUBJETIVIDAD
Y MODELACIÓN ALGORÍTMICA DE LA VIDA

Camila Pereira Alves¹

Vanessa Soares Mauren²

Resumo: Este ensaio faz parte da pesquisa, ainda em desenvolvimento, no campo híbrido da psicologia social e tecnologias digitais, e pretende fazer uma relação transdisciplinar com a psicanálise ao colocar em análise os modos como temos nos relacionado com interfaces da inteligência artificial (IA), problematizando a produção de subjetividades contemporâneas, a cafetinagem do desejo (ROLNIK, 2018) e as possibilidades encontradas com base no paradigma da tecnodiversidade (HUI, 2020). Uma investigação que se ocupe do paradigma proposto como tecnodiversidade atenta-se a outros modos de saber-fazer tecnológico, que não se limita apenas à dimensão antropocêntrica e seus sistemas de dominação hegemonicamente instituídos, mas propõe agenciamentos com outras perspectivas de significar os encontros entre a moral e a técnica, abrindo condições de possibilidade para a expressão de cosmotécnicas que possam visibilizar outros campos de força e forma como resistência à pasteurização da vida. Descafetinar o desejo, que anseia pela hiperconectividade e goza com a aceleração do tempo, tem a ver com as possibilidades de resistência ao que tem sido programado, e também com composição dos algoritmos. Se o modo como eles têm perpetrado as relações ainda se configura como prática de consumo que demanda conexão com o “novo” ou o instantâneo permanentemente, torna-se importante destacar que o modo como nos permitimos ser afetados pelos encontros com as máquinas e suas propostas é também um modo de (re)posicionamento diante da tecnologia.

Palavras-chave: Subjetividade. Inteligência artificial. Tecnodiversidade.

¹ Psicóloga e Analista Institucional. Professora Assistente no curso de Psicologia da Escola de Ciências da Saúde e da Vida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Integrante do Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas (NUCOGS/UFRGS) e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6645-1435>. E-mail: psicamilalves@gmail.com

² Docente do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós-graduação em Informática na Educação da mesma universidade. Coordenadora do Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas (NUCOGS/UFRGS). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1340-3450>. E-mail: vanessamauren@gmail.com

Abstract: This essay is part of research still in development, in the hybrid field of social psychology and digital technologies, and aims to establish a transdisciplinary relationship with psychoanalysis by analyzing how we have related to AI interfaces, problematizing the production of subjectivities contemporary issues, the pimping of desire (ROLNIK, 2018) and the possibilities found from the technodiversity paradigm (HUI, 2020). An investigation that deals with the paradigm proposed as technodiversity pays attention to other ways of technological know-how, not limited only to the anthropocentric dimension and its hegemonically instituted systems of domination, but proposes agencies with other perspectives of signifying encounters between morality and technique, opening conditions of possibility for the expression of cosmotechnics that can make other fields of force and form visible as resistance to the pasteurization of life. Decaffeinating the desire that yearns for hyperconnectivity and enjoys the acceleration of time has to do with the possibilities of resistance to what has been programmed, but also, composition with algorithms. If how they have perpetrated relationships still configures itself as a consumption practice that demands a connection with the 'new' or permanent instant, it becomes important to highlight how we allow ourselves to be affected by encounters with machines and their proposals it is also a way of (re)positioning in the face of technology.

Keywords: Subjectivity. Artificial intelligence. Technodiversity.

Resumen: Este ensayo forma parte de una investigación aún en desarrollo, en el campo híbrido de la psicología social y las tecnologías digitales, y tiene como objetivo establecer una relación transdisciplinaria con el psicoanálisis analizando las formas en que nos hemos relacionado con las interfaces de IA, problematizando la producción de subjetividades contemporáneas, el proxenetismo del deseo (ROLNIK, 2018) y las posibilidades encontradas desde el paradigma de la tecnodiversidad (HUI, 2020). Una investigación que aborda el paradigma propuesto como tecnodiversidad presta atención a otras formas de saber tecnológico, no limitadas sólo a la dimensión antropocéntrica y sus sistemas de dominación hegemónicamente instituidos, sino que propone agencias con otras perspectivas de encuentros significativos entre moral y técnica, abriendo condiciones de posibilidad para la expresión de cosmotécnicas que puedan hacer visibles otros campos de fuerza y forma como resistencia a la pasteurización de la vida. Descafeinar el deseo que anhela la hiperconectividad y disfruta de la aceleración del tiempo tiene que ver con las posibilidades de resistencia a lo programado, pero también de composición con algoritmos. Si la forma en que han perpetrado las relaciones todavía se configura como una práctica de consumo que exige conexión con el instante "nuevo" o permanente, resulta importante resaltar que la forma en que nos dejamos afectar por los encuentros con las máquinas y sus propuestas es también una forma de (re) posicionarse frente a la tecnología.

Palabras clave: Subjetividad. Inteligencia artificial. Tecnodiversidad.

INTRODUÇÃO

A relação humano-máquina e o uso de tecnologias, que automatizam e modulam práticas do cotidiano, têm se dado pelo desenvolvimento de interfaces de IA, operado especialmente em celulares mas também, graças à infinita inovação de novos modelos, em computadores, câmeras e assistentes virtuais, que integram as paisagens públicas e privadas em que habitamos. Na clínica, tem sido comum escutar relatos que dizem do inédito e dos efeitos das interfaces maquínicas nos modos como os sujeitos vivem o contemporâneo. Tornou-se frequente escutar queixas de pacientes que passam horas ininterruptas diante das telas, e não conseguem “se desligar” facilmente da mecânica infinita de arrastar para cima o próximo vídeo. A dinâmica de tempo e espaço passa a ser experimentada pelo modo como os sujeitos se relacionam com as telas e aquilo que brilha através delas.

Sujeitos contam de si associando imagens e dilemas presentes nas redes sociais. Falam de si e do pluriverso digital que lhes acompanha permanentemente. Acontece que, diferente de outras dimensões da cultura, a dimensão digital tem sido predominantemente apresentada aos que nela navegam através de previsões algorítmicas estatisticamente modeladas pela coleta, pelo armazenamento e processamento de dados nas plataformas com as quais os sujeitos decidem se relacionar. No trabalho de escuta e cartografia daquilo que pulsa nas redes de afeto e que se expressa nas redes sociais, recentemente conhecemos um perfil que estava consumindo a atenção e os pensamentos de quem com ele se relacionava. Tratava-se de uma influenciadora digital, 23 anos, sexo feminino, branca e residente em Los Angeles, que se autodefinia como uma “garota amorosa e divertida”, naquele momento contando com mais de 250 mil seguidores. Além das publicações diárias de pequenos vídeos em que compartilhava sua rotina de exercícios, danças típicas da plataforma e trabalho no escritório, também vendia conteúdo adulto. Emily Pellegrini tem sua beleza avaliada como perfeita por quem comenta suas publicações, e parece enquadrar-se nos padrões de beleza definidos pela sociedade cisheteropatriarcal do ocidente.

Emily é uma mulher que influencia a estética e a erótica de quem lhe acompanha, e é uma criação operada a partir de tecnologias de IA. Segundo seu criador, que prefere manter-se anônimo, a influenciadora é fruto de uma pergunta realizada a uma das interfaces de IA mais populares do momento. “Perguntei ao *ChatGPT* qual é a garota dos sonhos de um homem comum” (SILVEIRA, 2024, n.p.), e a resposta para essa pergunta foi usada como referência para criação do modelo que agora frequenta e personifica-se na internet, sendo inclusive confundida com alguém que passaria muito tempo das suas vinte e quatro horas trabalhando na produção de conteúdo para plataformas digitais.

A resposta dada pelo *chatbot*³ nos provoca outras inquietações. Por que a resposta para a pergunta sobre a idealização da mulher perfeita foi definida

³ Um *chatbot* é um programa de computador produzido a partir de modelos algorítmicos que pretendem simular diálogos entre a máquina e as demandas do humano. São exemplos dessa interface os assistentes virtuais que são popularmente encontrados em páginas de *e-commerce* e canais de atendimento ao cliente. A corporação IBM foi uma das primeiras transnacionais a criar esse tipo de modelo, o famoso Watson. Atualmente, a IBM disponibiliza, através do acesso gratuito à sua plataforma, o modelo de programação desenvolvido para qualquer sujeito interessado em criar seu próprio assistente virtual. A única contrapartida para a plataforma é a concessão dos direitos autorais e a autorização para armazenamento permanente dos dados utilizados.

pela máquina como uma mulher branca? O que levou o anônimo programador a validar e a reconhecer a resposta do *chatbot* como legítima para o homem comum? Com aproximadamente quatro meses de existência, calcula-se que o perfil já tenha faturado cerca de 50 mil reais vendendo material adulto na plataforma *Fanvue*, uma plataforma que aceita ser repositório de material erótico/pornográfico produzido por IA. Práticas de objetificação de mulheres são tecnologias de controle e dominação há muito desenvolvidas na sociedade patriarcal (PRECIADO, 2015); e a apropriação de interfaces de IA para produção desse tipo de conteúdo faz com que as inovações tecnológicas em nada ofereçam condições de possibilidade para outras formas de *ser* e *existir* contemporâneos. Nesse sentido, a tecnologia apenas sustenta e alastra a reprodução de padrões que já estão situados no laço social.

A relação de medo e fascínio, exercida pelas interfaces de IA programadas pelas corporações de tecnologias, reproduz um padrão de subjetividade cisheteropatriarcal de branquitude (BENTO, 2002), que já se mostrou limitada e impotente diante do que esse mesmo padrão produziu na relação com o planeta, o chamado Antropoceno (HARAWAY, 2016). Acontece que a escuta das práticas contemporâneas e suas interfaces maquinicas de composição da ecologia digital não nos permitem mais tangenciar essa discussão. A presença de queixas e sintomas nos consultórios e no modo como se (a)bordam os enlaces do tecido social aponta para a importância das ciências psicológicas e da psicanálise ocuparem-se desse acoplamento humano-máquina, que há muito deixou de ser apenas ficção científica.

Este ensaio faz parte de uma pesquisa, ainda em desenvolvimento, no campo híbrido da psicologia social e tecnologias digitais, e pretende fazer uma relação transdisciplinar com a psicanálise ao colocar em análise os modos como temos nos relacionado com interfaces de IA, problematizando a produção de subjetividades contemporâneas, a cafetinagem do desejo (ROLNIK, 2018) e as possibilidades encontradas a partir do paradigma da tecnodiversidade (HUI, 2020).

INTERFACES MAQUÍNICAS CONFIGURAM MODOS DE NARRAR E PRODUZIR REALIDADES

Diante do tempo cada vez mais consumido pela imersão digital e pela negação de alteridades sustentada pela alienação com as telas, torna-se vital acompanhar e discutir os modos como corpos, tecnologias e dados têm se articulado na digitalização da vida (SIBILIA, 2015). Segundo Jonathan Crary (2023), a patologia da internet encontra-se menos no que é compartilhado em rede, e mais no modo como nossas necessidades e desejos têm sido apartados das lógicas de cuidado e produção do comum, decisivos para a sustentação do tecido social. Exemplo disso é a fala tecnodeterminista do CEO da *startup* norte-americana *OpenAI*, especializada em IA: “A inteligência artificial provavelmente vai levar ao fim do mundo, mas até lá vai fazer surgir muitas boas empresas” (LEMOS, 2023, n.p.). A *OpenAI* foi criada em 2015, no Vale do Silício nos Estados Unidos, como uma organização sem fins lucrativos. Formada por empresários responsáveis pelas chamadas *big techs* – corporações criadoras de tecnologias digitais usadas globalmente –, a *OpenAI* tem como missão “garantir que a inteligência artificial geral beneficie toda a humanidade” (OPENAI, 2015-2023, n.p.). A *startup* abandonou sua natureza jurídica em 2020, deixando de ser uma organização sem fins lucrativos para tornar-se uma corporação com fins lucrativos. Atualmente, é investida pelo conglomerado *Microsoft*.

O conceito de algoritmo não é algo complicado ou desconhecido, mas tornou-se misterioso pela opacidade de seu funcionamento, especialmente nas redes sociais. Algoritmos são códigos que compõem a estrutura das redes e dos aplicativos, e seu funcionamento se dá por uma série de comandos pré-programados, ou seja, são uma sequência de instruções. Nas redes sociais, por exemplo, eles se comportam de acordo com uma programação, que pode ser muitas vezes problemática. Existem inúmeros exemplos sobre isso. Poderíamos citar o antigo *Twitter*, agora chamado *X*, que foi instruído para encontrar rostos em imagens a partir de certos padrões, e acabou por reconhecer somente rostos brancos e ignorar os negros. É conhecido o fato de que a tecnologia de reconhecimento facial foi primordialmente construída por engenharia da programação no norte global, tendo como referência dados produzidos a partir da digitalização de rostos brancos, a qual foi tornando-se mais acurada e capaz de reconhecer diferenças, ao passo que a diversidade de padrões de rostos não brancos foi negligenciada em sua programação. Outro caso polêmico é o da Amazon, que utilizava uma interface de IA para recomendar candidatos a postos de trabalho, mas acabava por escolher quase que somente homens brancos e jovens, pois suas instruções incluíam selecionar pessoas com perfil semelhante ao dos seus "melhores colaboradores". O resultado foi que o sistema de recrutamento "inteligente" recrutou apenas homens.

Lançado no final de 2022, o *chatbot*, chamado *ChatGPT*, tornou-se uma das criações algorítmicas mais populares da *OpenAI*; e conquistou, nos primeiros cinco dias após seu lançamento, mais de um milhão de usuários na internet. A possibilidade de acesso gratuito, mas limitado, à interface de IA – que gera e processa textos a partir de um modelo treinado para conversação que “admite erros, contesta premissas e rejeita solicitações inadequadas” (OPENAI, 2015-2023, n.p.) –, produziu uma peregrinação digital ao que pode ser considerado um novo oráculo antropocêntrico de resolução de problemas.

Naqueles dias, várias imagens de compartilhamento circulavam pela internet, e eram endereçadas estatisticamente aos *feeds* das redes sociais. Pessoas perguntavam de tudo ao *chatbot*, principalmente sobre aquilo que não tinham condições de perguntar ao semblante humano e sobre as infinitas dimensões do viver, morrer e fazer relação. Depois que a interface maquina elaborava o que pedia o *input*, devolvia ao sujeito o que entendia ser a melhor combinação possível do seu banco de dados. Sendo as respostas satisfatórias ou não, logo transformavam-se em conteúdos imagéticos que, dataficados, seguiriam o fluxo espontâneo operado pelos usuários de registro e compartilhamento de dilemas, perguntas e respostas nas redes sociais. Ao mesmo tempo, também circulavam pelas redes da internet reportagens denunciando violações de direitos humanos.

Em reportagem publicada pela organização Repórter Brasil (CAMARGOS, 2022) – entidade mundialmente reconhecida por seu trabalho de mapeamento e denúncia de trabalho escravo –, ficava transparente o uso ilegal de minérios e metais de terras raras explorados ilegalmente em terras indígenas na Amazônia brasileira. Destacando que a produção das máquinas comuns ao nosso tempo depende de elementos encontrados na natureza. Celulares, baterias, computadores, carros elétricos, placas solares e um infinito acervo tecnológico criado pela humanidade funcionam a partir de técnicas de modelagem, design e funcionalidade que, mesmo sendo referência para o desenvolvimento de tecnologias de ponta, apenas se sustentam pela exploração das materialidades químicas existentes ancestralmente na natureza. Matérias-primas também são usurpadas de países pobres do sul global, como o cobalto extraído na República

Democrática do Congo, e o lítio extraído no Chile, na Argentina, Bolívia e Austrália. Sendo assim, a crença, que ainda persiste em alguns contextos, sobre a suposta abstração e neutralidade das máquinas – como a perspectiva da nuvem de armazenamento de dados, por exemplo – cai por terra. Isso tende a ocorrer pois a figuração da nuvem, que recebe continuamente os *uploads* de nossos dados em imagens, vídeos, voz e outros arquivos, só é possível porque existem *datacenters* gigantescos, a maioria no além-mar, que fazem uso abusivo de água para evitar o superaquecimento das suas estruturas.

Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft, famosas por constituírem a sigla GAFAM, são responsáveis por receitas milionárias que ultrapassam PIBs de Estados-Nação, assim como respondem por uma cadeia gigantesca de produção e reprodução de bens de consumo tecnológicos usados massivamente por quase todos que queiram acessar e relacionar-se com tecnologias digitais e internet em boa parte do planeta. Minérios – como ouro, tungstênio, tântalo e estanho – são matérias-primas de circuitos e estruturas tecnológicas usadas cotidianamente, e a deflagração do sequestro criminoso de minerais explorados em terras indígenas brasileiras expõe a vigência do colonialismo histórico ainda presente em territórios latino-americanos.

Corporações como as que compõem a GAFAM “teriam não só o poder de extrair, mercantilizar e controlar comportamentos, mas também de produzir novos mercados, por sua capacidade de predição analítica e da modificação de atitudes, práticas e hábitos” (CASSINO, 2021, p. 28). Ao mesmo tempo, mantêm práticas predatórias da vida humana e não humana, tal qual os colonizadores. Aquilo que por vezes parece inovação é, diante do sequestro das vidas matáveis, tão conservador quanto as práticas históricas de violar histórias, corpos e territórios, mas com requintes de crueldade *high tech*.

Técnicas de modelagem de algoritmos e técnicas de exploração de minérios, para estruturação material dos filamentos que viabilizam as estruturas digitais, têm andado de mãos dadas com pressupostos e valores do neorreacionarismo e da ética neoliberal (HUI, 2020). A expropriação da mais valia vital (ROLNIK, 2018), a partir de dados coletados digitalmente e minérios sequestrados ilegalmente, manifesta-se como um modelo de garimpagem exploratória da relação humano-natureza que impacta no laço que estamos dispostos a sustentar com a fabricação da inovação tecnológica. Ruha Benjamin (2020), por sua vez, ressalta o quanto a própria concepção de raça pode ser também considerada uma tecnologia, usada como meio de coprodução tecnocientífica pela qual formas anteriores de desigualdade são perpetuadas. A autora destaca a necessidade de pesquisadores avaliarem constantemente as ferramentas conceituais usadas para compreender a dominação racial, e alerta que visões de desenvolvimento frequentemente se baseiam em formas de subjugação social e política que se atualizam em novas técnicas de controle, compactuando com padrões discriminatórios.

Acontece que as modelagens artificiais de inteligência, que têm guiado massivamente nossos modos de *ser* e *estar* na ecologia digital, estão amparadas pela racionalidade que operou, e segue operando, a colonização das estruturas e a colonialidade dos imaginários sociotécnicos que subjetivam a vida contemporânea (FAUSTINO; LIPPOLD, 2023), o que diante do Antropoceno (HARAWAY, 2016) torna-se insustentável e nada inteligente. “O desafio da inteligência artificial não está na construção de uma superinteligência, mas na facilitação de uma noodiversidade. E, para que a noodiversidade seja possível, precisaremos desenvolver uma tecnodiversidade” (HUI, 2020, p. 187). Trata-se

de pôr em análise estruturas e processos materiais-semióticos forjados como ferramentas de dominação e manutenção de métodos e éticas produtoras de morte, violência e cafetinagem de vidas situadas abaixo dos trópicos, a fim de valorizar e visibilizar técnicas de composição baseadas em éticas que não entendem o mundo e as vidas que nele habitam como recurso para extração e reprodução do consumo, mas como outros modos de produzir e relacionar-se com as técnicas e suas cosmologias.

No livro *Do modo de existência dos objetos técnicos*, Gilbert Simondon (2020) traz o clássico exemplo do gerador de Guimbal, que integra um rio como força motriz (de um motor embebido em óleo sob altas pressões) e, ao mesmo tempo, como agente resfriador. Assim, o rio se torna um órgão da ordem dos objetos técnicos, pois estabiliza e regula o sistema dinâmico: quanto mais intensa é a correnteza, mais rápido a turbina do gerador se move. Em consequência disso, mais calor também é produzido, o que poderia queimar o motor; mas, como a correnteza também está mais rápida, o calor pode se dispersar de maneira mais eficaz. Esse é um exemplo que nos ajuda a pensar na direção da tecnodiversidade: a técnica não serve como ferramenta para melhor extrair bens da natureza, mas compõe com seres não técnicos criando novas relações possíveis de metaestabilidade.

Há algo que está acontecendo no contemporâneo que nos leva à exaustão, à apatia e à descrença no outro e no mundo. Ao mesmo tempo, nunca fomos tão produtivos como aparentamos ser neste momento da história. A hiperconectividade que organiza nossas rotinas e o desenvolvimento de tecnologias de IA estão situadas hegemonicamente em ambientes digitais organizados pelos conglomerados mencionados anteriormente. Se por um lado temos acesso a um modo que parece ser infinito de se relacionar com objetos técnicos, ao mesmo tempo boa parte dessas criações são propostas de consumo orquestradas por uma ética neoliberal e monotecnológica (HUI, 2020) que captura os circuitos pulsionais. É falsa a possibilidade de se relacionar com a multiplicidade do mundo pela internet, se a infraestrutura usada para tal for definida por termos de uso e de políticas de privacidade pertencentes sempre às mesmas corporações.

Perfurar práticas e discursos instituídos de descrença em outros modos de viver a vitalidade humana, sustentar laços sociais em direção à criação e ao reconhecimento de técnicas – que programem aquilo que é demanda local e comunitária, sustentando a responsabilização com aquilo que é criado e compartilhado como efeitos antropocêntricos no mundo –, e dar vazão por meio da técnica para a manifestação de outras cosmopolíticas são decisões que podem compor o paradigma chamado tecnodiversidade. Yuk Hui (2020) tem se debruçado sobre a perspectiva da técnica como modo de criar mundos desde o contexto chinês, e convoca-nos a seguir com essa problematização no Brasil e países da América Latina. Tecnodiversidade como estratégia política de decolonização dos modos de produzir mundos com tecnologias. “... Em vez de entendê-la como um universo antropológico, precisaremos redescobrir uma multiplicidade de cosmotécnicas e reconstruir suas histórias para projetarmos no Antropoceno as possibilidades que nelas estão adormecidas” (HUI, 2020, p. 15).

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE, MODELOS ALGORÍTMICOS E OUTROS AGENCIAMENTOS

Produção de subjetividade é um conceito caro para quem se dedica a escutar os seus efeitos nos processos de singularização que cada sujeito se propõe a fazer. Tomada como um processo permanentemente aberto e em composição

com a multiplicidade, é agenciada por fluxos de intensidade na imanência da vida. Situar a compreensão do humano a partir de processos de subjetivação é também afirmar que a subjetividade não cabe na separação cartesiana hegemonicamente defendida entre mente e corpo, indivíduo e sociedade, humano e máquina. Félix Guattari afirmava que a subjetividade estava cada vez mais atrelada aos sistemas maquínicos – técnicos, biológicos, semióticos, especialmente em relação às técnicas da informática, telemática e, atualmente podemos dizer, à IA. “Nenhum campo de opinião, de pensamento, de imagem, de afectos, de narratividade pode, daqui para a frente, ter a pretensão de escapar à influência invasiva da “assistência por computador” (GUATTARI, 2011, p. 177).

Na filosofia da diferença, a própria imagem do inconsciente situa-se como um processo maquínico. O inconsciente seria uma espécie de usina em atividade permanente, daí a compreensão de produção do desejo como causalidade permanentemente aberta. Nesse sentido, analisar a experiência humana é também acompanhar fluxos de intensidade que encontram passagem na produção material e semiótica de técnicas e máquinas. Ao discutir a entrada maquínica da subjetividade, Félix Guattari problematiza se de fato a relação subjetividades-máquinas seria uma condição inédita do nosso tempo. Para tanto, afirma que, desde as sociedades não capitalistas, há uma maquinaria que se estende pelas instituições e transmite valores e memórias de dada época e cultura, citando como exemplo as instituições monacais da Idade Média (GUATTARI, 2011). Nesse sentido, poderíamos dizer que a relação humano-máquina está mais do que calibrada. Mas não.

Recentemente, tem circulado pelas redes sociais, especialmente nas plataformas de compartilhamento de vídeos curtos, uma *trend*⁴ chamada “gravei a terapia”, que, existente há algum tempo, parece ter tomado robustez no final do ano de 2023. Nos vídeos mapeados na plataforma, constam sujeitos jovens que decidem filmar sua posição, discurso e expressão facial diante da sessão de terapia *online*. A cena, que se repete em vários vídeos de poucos segundos, consiste na filmagem de sujeitos em relação visual com seus computadores e terapeutas. Alguns editam a filmagem para compartilhar apenas reações gestuais e fisionômicas em terapia; outros compartilham enunciados e intervenção de terapeutas, que provavelmente não foram consultados sobre a autorização para uso de imagem, voz e vínculo terapêutico como produto para compor *trends*, fazer circular dados sensíveis e conteúdos vitais, que alimentam cálculos estatísticos de modelos algoritmos.

No ensaio em que Félix Guattari fala de suas andanças por contextos culturais diversos e analisa os modos como se enlaçam modelos tecnocientíficos e processos de subjetivação, são dadas algumas pistas que podem compor direção para a analítica desse contemporâneo capturado pelo espelhamento narcísico sobre as telas. O autor menciona o caso do Japão e as suas *big techs*, afirmando ser um caso que deveria continuar sendo estudado, pois os processos de reterritorialização, após o acelerado desenvolvimento tecnológico daquela sociedade, deram-se no cruzamento das inovações da informática com valores e semióticas milenares transmitidos pelo animismo do xintoísmo. Essa relação nos leva a pensar sobre a defesa que o filósofo chinês Yuk Hui propõe sobre o

⁴ A expressão importada do inglês *Trend*, que em tradução direta significa Tendência, tornou-se uma expressão amplamente utilizada em ambientes digitais para etiquetar produtos audiovisuais que podem ser vinculados através de expressões de linguagem que podem viralizar, ou seja, adquirir alto nível de visualização e compartilhamento, o que produz uma demanda de reprodução em cadeia.

conceito de cosmotécnica: cosmos e moral estão articulados na produção da técnica, tanto para o desenvolvimento de produtos quanto para a criação de arte (HUI, 2020). Uma defesa da não neutralidade e da pureza da técnica, que põe em questão o modo como na nossa cultura fazemos uso de ferramentas tecnológicas que não se ocupam com seu campo de emergência; pelo contrário, propõem relações de consumo intermitentes como dispositivos predatórios que minam espaços de privacidade e intimidade.

O neoliberalismo tem se alimentado da mais-valia de potência da criação humana. Esse élan vital, que possibilita a criação e a invenção de modos de resistência micropolíticos diante da desubjetivação capitalística, é manipulado por imagens, signos e técnicas para que, tão logo sejam inventadas possibilidades de furo e desvio diante do discurso colonial instituído por valores neoliberais, o élan seja reterritorializado em padrões de subjetividades já definidas pelo capitalismo (ROLNIK, 2018). Nesse sentido, uma pista que pode corroborar na busca por respostas à problematização que perseguimos tem a ver com os modos pelos quais modelos algorítmicos têm sido hegemonicamente construídos, e com o modo como os sujeitos se relacionam eticamente com essa técnica.

O desenvolvimento de tecnologias e inovações no campo da IA migrou nas últimas décadas especialmente para os estudos amparados nas neurociências, mas as heranças das ciências psicológicas, que ajudaram a disparar e consolidar o campo, seguem vigentes. Algumas já não são mais reconhecidas como integrantes legítimas das ciências psicológicas, e outras são ainda teorias de senso comum que por generalização acabaram sendo usadas como baliza para psicometrização da vida, como a teoria dos cinco fatores – extroversão, neuroticismo, socialização, realização e abertura à experiência (BRUNO; BENTES; FALTAY, 2019) –, utilizada inclusive em testes de supostas personalidades não validados cientificamente, que circulam pela internet. Além do imbricamento das ciências psicológicas com as tecnologias de IA na consolidação do campo, há também uma moratória que necessita ser tomada com vigor pela psicanálise e psicologia social ao investigarmos e colocarmos em análise os modos como têm sido produzidas narrativas, imagens e figurações reacionárias e cafetinadas de mundos a partir das interfaces maquinicas criadas entre sujeitos e modelos algorítmicos na produção contemporânea de subjetividades.

Desde “Cartografias do Desejo”, publicado no Brasil em 1986, entendemos que as máquinas que compõem a produção de subjetividade são variadas, e podem ser mais ou menos territorializadas conforme a localização em que se encontram. “Em sistemas tradicionais, por exemplo, a subjetividade é fabricada por máquinas mais territorializadas, na escala de uma etnia, de uma corporação profissional, de uma casta. Já no sistema capitalístico, a produção é industrial e se dá em escala internacional” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 25). A subjetividade é produzida socialmente, pela multiplicidade de instâncias que se agenciam e produzem afecções como efeito dos encontros entre os corpos (PRADO FILHO; MARTINS, 2007), sejam eles humanos, não humanos e mais que humanos (HARAWAY, 2020). O agenciamento entre os corpos produz uma forma de existência – isso que nos passa – desde o campo da experiência de afetar e ser afetado. É isso que modula os regimes de sensibilidade para perceber o mundo e criar outros laços com ele.

Acontece que, no agenciamento coletivo de enunciação (GUATTARI, 2011) com instâncias algorítmicas programadas massivamente para capturar a atenção e consumir o tempo de quem se supõe em relação de possível interesse a partir de métricas – retroalimentadas pelos inputs disponibilizados intermiten-

temente através do brilho das telas –, temos o acabamento perfilado do que o neoliberalismo se propõe a fazer: cafetinar o desejo. “Em sua nova versão, é da própria vida que o capital se apropria” (ROLNIK, 2018, p. 32). O modo como nos conectamos a objetos do cotidiano tem relação com o modo como nos permitimos ser afetados pelas questões que pulsam no mundo.

Uma investigação que se ocupe do paradigma proposto como tecnodiversidade atenta-se a outros modos de saber-fazer tecnológico, que não se limita apenas à dimensão antropocêntrica e a seus sistemas de dominação hegemonicamente instituídos, mas que propõe agenciamentos com outras perspectivas de significar os encontros entre a moral e a técnica, abrindo condições de possibilidade para a expressão de cosmotécnicas que possam visibilizar outros campos de força e forma como resistência à pasteurização da vida.

Yuk Hui (2020) nos alerta para afetos polarizados que estão relacionados à percepção monotecnológica. Tecnofilia ou tecnofobia são faces da mesma moeda, afetos produzidos pela crença na universalidade da técnica que, articulada aos princípios da ética neoliberal do capitalismo financeirizado e de plataforma, sustenta os tradicionais processos de modernização que desde sempre operaram com o aniquilamento dos modos de expressão locais e regionais (CRARY, 2023). “O pensamento colonial é universalista, mas nega que o seja como um ato de resistência sintomático de negação da própria doença” (VEIGA, 2021, p. 82). Assim, a operação de afetos polarizados na relação com a tecnologia dificulta tomá-la com um intercessor plausível para composição de outros modos de ser, sentir e inventar formas de compor mundos. Gravar a imagem de si durante um processo terapêutico e autorizar-se a transformar aquilo que se supõe íntimo e particular para conseguir *likes* e entrar numa corrente semiótica de prescrições para pontuar visualizações na rede social, é ao mesmo tempo efeito bizarro da digitalização da técnica psi, e especialmente evidência translúcida da relação precária de financeirização que estamos nos propondo a estabelecer com o desejo, a técnica e a experiência de composição das ecologias digitais.

Tomar essa cena como analisadora da conjuntura monotecnológica contemporânea é uma estratégia de visibilização dos pressupostos universais da cafetinagem que o neoliberalismo demanda à produção do desejo. Trabalhar com a intersecção da produção do desejo e da invenção territorializada da técnica pode ser uma aposta em linhas de fuga da programação tecnocolonial dominante. Suely Rolnik (2018) tem proposto uma aproximação ao saber-do-vivo como estratégia de descafetinagem do desejo vinculado ao inconsciente colonial-capitalístico, propondo modos de pensar que, afeitos à condição de escuta dos efeitos da “pulsão de mundos larvares” (ROLNIK, 2018, p. 90), impulsionem a invenção de outros destinos para o estranho-familiar, nessa discussão refletido pelas telas modeladas algoritmicamente.

“Quando você entende que a beleza também pode ser um efeito político” foi a legenda para várias imagens, que mostravam uma manifestação em que placas e flores acompanhavam uma multidão, publicadas pela influenciadora Ailya Lou no que fabulou ser a Marcha das Flores Decoloniais, em Tokyo, no ano de 2023. A artista e articuladora brasileira multimídia Igi Lólá Ayedum, que acumula mais de quinze anos com arte e mídia, tem criado a partir de interfaces de IA outras formas de expressão e experiência com a arte. Ailya Lou é uma personagem criada com IA, e recentemente ganhou sua própria página no *Instagram* como experimentação da sua artista criadora com as possibilidades de interação e engajamento com algorítmicos da plataforma. Ailya Lou tem 24 anos, é uma mulher negra retinta, fotógrafa e modelo, formada em Nova York; é

brasileira de descendência africana e asiática, e compartilha sua visão de mundo por meio de fotografias feitas no planeta Ai, um subverso do planeta Terra e sua humanidade. Um perfil-intervenção e instalação artística. Igi Lólá Ayedum é uma artista que tem combinado arte e tecnologia para dar visibilidade a outros regimes de sensibilidade. No projeto “Eclosão de um sonho, uma fantasia”, de 2022, como proposta de Mobilismo Imagético, a artista faz uso de imagens criadas a partir de modelos algorítmicos para pôr no mundo imagens nunca vistas com a retina humana e com a luz que faz registros em fotografias (TITTONI et al., 2023), mas que compõem uma estética afrodiaspórica sufocada pelos discursos e acordos imagéticos da colonização (AYEDUM, 2023).

Assim, descafetinar o desejo que anseia pela hiperconectividade e goza com a aceleração do tempo tem a ver com as possibilidades de resistência, mas também com a composição dos algoritmos. Se o modo como eles têm perpetrado as relações ainda se configura como prática de consumo que demanda conexão com o “novo” ou instantâneo permanentemente, torna-se importante destacar que o modo como nos permitimos ser afetados pelos encontros com as máquinas e suas propostas é também um modo de (re)posicionamento diante da tecnologia.

PARA CONCLUIR

Diante das disputas de narrativas que envolvem humanos e não humanos, inteligências coletivas e artificiais, dados e metadados, cabe sustentar a problematização e a não resolução dos paradoxos híbridos entre humanos e máquinas, que compõem o contemporâneo. Não se trata de inflamar circuitos de manejo tecnofóbicos e tampouco tecnofílicos, mas tomar a direção proposta como tecnodiversidade no entendimento de que não existe neutralidade na concepção e função da técnica.

Na psicanálise, essa discussão já tem lastro e opera com condição estruturante da inovação da técnica, na informática e no espraiamento que as técnicas de programação vão ganhando na sociedade torna-se decisivo que aqueles que operam com a modelagem de códigos algorítmicos também compreendam que a escolha de um enunciado para programar uma linguagem nunca é apenas instrumental.

REFERÊNCIAS

AYEDUN, Igi Lola. Há muito venho sonhando com imagens que nunca vi. *Revista de Fotografia Zum*, Instituto Moreira Salles, 9 jan. 2023. Disponível em: <https://revistazum.com.br/bolsa-zum-ims/ha-muito-venho-sonhando-com-imagens-que-nunca-vi/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

BENJAMIN, Ruha. Retomando nosso fôlego: estudos de ciência e tecnologia, teoria racial crítica e a imaginação carcerária. In: SILVA, Tarcízio. *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiaspóricos*. São Paulo: LiteraRua, 2020. p. 12-24.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 25-58.

BRUNO, Fernanda Glória; BENTES, Anna Carolina Franco; FALTAY, Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratórios de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. *Revista Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia*, Porto Alegre, v. 26, n. 3, 2019, e-33095. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/33095>. Acesso em: 2 jul. 2024.

CAMARGOS, Daniel. Apple, Google, Microsoft e Amazon usaram ouro ilegal de terras indígenas brasileiras. *Repórter Brasil*, Pará, 25 set. 2022. Disponível em: <https://repórterbrasil.org.br/2022/07/exclusivo-apple-google-microsoft-e-amazon-usaram-ouro-ilegal-de-terras-indigenas-brasileiras/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

CASSINO, João Francisco. O sul global e os desafios pós-coloniais na era digital. In: CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. (Orgs.). *Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal*. São Paulo: Autonomia Literária, 2021, p. 13-31.

CRARY, Jonathan. *Terra arrasada: além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. *Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana*. São Paulo: Boitempo, 2023.

GUATTARI, Félix. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, André (Org.). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011. p. 177-191. Coleção TRANS.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *ClimaCom Cultura Científica: pesquisa, jornalismo e arte*, ano 3, n. 5, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. Acesso em: 2 jul. 2024.

HARAWAY, Donna. *Ficar com o problema de Donna Haraway*. Entrevista a Helen Torres. Trad. de Ana Luiza Braga et al. São Paulo: n-1 Edições, 2020. Texto 132. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/132>. Acesso em: 2 jul. 2024.

HUI, Yuk. *Tecnodiversidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LE MOS, Ronaldo. Inteligência artificial fez ameaça a usuários. In: *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 fev. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2023/02/inteligencia-artificial-fez-ameacas-a-usuarios.shtml>. Acesso em: 2 jul. 2024.

OPENAI. *Site oficial*. 2015-2023. Disponível em: <https://openai.com/about/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). *Psicologia e Sociedade*, v. 19, n. 1, p. 14-19, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/NJYycJNvX58WS7RHRssSjH/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

PRECIADO, Paul B. Feminismo não é humanismo. *Monstruosas: dissidência sexual, políticas nômade e anti-humanismo*, 2015. Disponível em: <https://monstruosas.milharal.org/2015/02/15/feminismo-nao-e-humanismo/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

SILVEIRA, Daniel. Conheça Emily Pellegrini, modelo criada por inteligência artificial que está arrebatando corações. *Terra*, 9 jan. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/conheca-emily-pellegrini-modelo-criada-por-inteligencia-artificial-que-esta-arrebatando-coracoes,33cf29e0e0ab255d2583e9b9771c9b743o9lpoex.html>. Acesso em: 2 jul. 2024.

SIMONDON, Gilbert. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

EM PAUTA

TITTONI, Jaqueline et al. Imagens em deslocamento: a fotografia entre tecnologias, algoritmos e dados. In: MACHADO, Jardel Pelissari; ZANELLA, Andrea Vieira (Orgs.). *Fotografar, pesquisar, escrever*. Florianópolis: Abrapso, 2023. p. 73-101. Disponível em: <https://site.abrapso.org.br/wp-content/uploads/2023/10/Fotografar-pesquisar-escrever.pdf>. Acessado em 27/04/2024. Acesso em: 2 jul. 2024.

VEIGA, Lucas. *Clínica do impossível: linhas de fuga e de cura*. Rio de Janeiro: Telha, 2021.